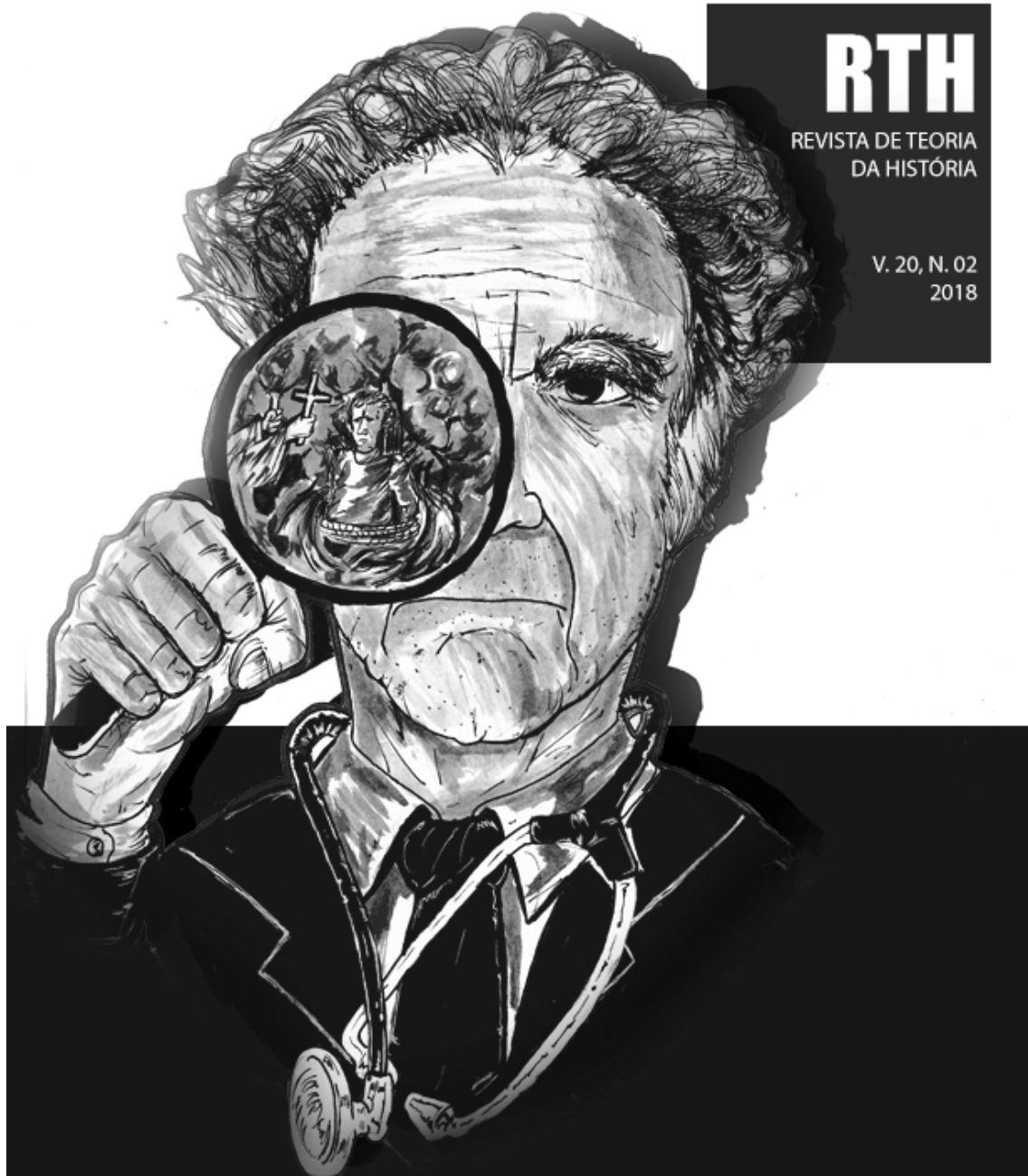


RTH



RTH

REVISTA DE TEORIA
DA HISTÓRIA

V. 20, N. 02
2018

(Carlo Ginzburg)

ISSN: 2175-5892

<http://revistadeteoria.historia.ufg.br/>

Revista de Teoria da História
Universidade Federal de Goiás — ISSN: 2175 - 5892

Universidade Federal de Goiás

Reitor: Prof. Dr. Edward Madureira Brasil

Vice-reitor: Prof.^a Dr.^a Sandramara Matias Chaves

Faculdade de História

Diretor: Prof. Dr. Eugênio Rezende de Carvalho

Vice-diretora: Prof.^a Dr.^a Dulce Oliveira A. Dos Santos

Programa de Pós-graduação em História

Coordenadora: Prof.^a Dr.^a Fabiana de Souza Fredrigo

Vice-coordenador: Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro

Revista indexada em:

Sumários.org – Sumários de Revistas Brasileiras

Latindex – Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América
Latina, el Caribe, España y Portugal

Livre! – Portal para periódicos de livre acesso na Internet

DOAJ – Directory of Open Access Journals

Diadorim – Diretório de Políticas de Acesso Aberto das Revistas Científicas Brasileiras

Portal de Periódicos da Capes

Google Scholar

Revista de Teoria da História

Vol. 20, n. 2, dezembro de 2018

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de História

ISSN: 2175-5892

Editores Executivos

Prof. Dr. Ulisses do Valle (UFG)

Prof. Dr. Marcello Felisberto Morais de Assunção (FFLCH-USP)

Conselho Editorial

Prof. Dr. Augusto Bruno de Carvalho Dias Leite, UFES, Brasil

Prof. Dr. Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil

Prof. Dr. Arthur Alfaix Assis, UnB, Brasil

Prof. Dr. Cristiano Arrais Alencar, UFG

Prof. Dr. Dagmar Manieri, UFT, Brasil

Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz, UEMS/Amambai

Prof. Dr. Dominique Vieira Coelho Santos, FURB, Brasil

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi, UFRGS, Brasil

Prof. Dr. Fernando José de Almeida Catroga, Universidade de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Flávio Silva de Oliveira, IF GOIANO, Brasil

Prof. Dr. Francesco Guerra, Università di Pisa/UFG, Itália

Prof.^a Dr.^a Joana Duarte Bernardes, Universidade de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. João Alfredo Costa C.Melo Júnior, UFV, Brasil

Prof. Dr. Luis Reis Torgal, Universidade de Coimbra, Portugal

Prof. Dr. Luiz Sérgio Duarte da Silva, Universidade Federal de Goiás, Brasil

Prof. Dr. Marlon Jeison Salomon, UFG, Brasil

Prof.^a Dr.^a Maria Beranedete Ramos Flores, UFSC, Brasil

Dr. Nuno Miguel Magarinho Bessa Moreira, Universidade do Porto, Portugal

Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas, UNIRIO, Brasil

Prof. Dr. Rafael Saddi, UFG, Brasil

Prof. Dr. Sérgio Ricardo Matta, UFOP, Brasil

Prof.^a Dr.^a Sonia Regina Mendonça, UFF, Brasil

Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo, UFES, Brasil

Prof. Dr. Valdei Lopes Araujo, UFOP, Brasil

Conselho Consultivo

- Dr. Adailson José Rui, UFA, Brasil
- Prof. Dr. Astor Antonio Diehl, UPF, Brasil
- Prof. Dr. Berthold Oze, Universität Passau, Alemanha
- Prof. Dr. Cássio Fernandes, UFJF, Brasil
- Prof. Dr. Carlos Alvarez Maia, UERJ, Brasil
- Prof. Dr. Carlos Oiti Berbert Junior, UFG, Brasil
- Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior, UFRN, Brasil
- Prof. Dr. Eliézer Cardoso Oliveira, UEG, Brasil
- Prof. Dr. Estevão Rezende Martins, UNB, Brasil
- Prof. Dr. Francisco José Calazans Falcon, UNIVERSO, Brasil
- Prof. Dra. Francismary Alves Silva, UFSB, Brasil
- Prof.^a Dr.^a Helena Miranda Mollo, UFOP, Brasil
- Prof.^a Dr.^a Heloisa Meireles Gesteira, PUC-RIO, Brasil
- Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, UFSC, Brasil
- Prof. Dr. Jörn Rüsen, Kulturwissenschaftliches Institut Essen, Alemanha
- Prof. Dr. Jorge Luís da Silva Grespan, USP, Brasil
- Prof. Dr. José Carlos Reis, UFMG, Brasil
- Prof. Dr. Jurandir Malerba, PUC-RS, Brasil
- Prof. Dr. Luiz Carlos Bento, UFMS, Brasil
- Prof. Dr. Marcelo Hornos Steffens, UNIFAL, Brasil
- Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rolim Capelato, USP, Brasil
- Prof. Dr. Mateus Henrique Pereira, UFOP, Brasil
- Prof. Dr. Mauro Lúcio Leitão Condé, UFMG, Brasil
- Prof. Dr. Oliver Kozlarek, Universidade de Morelia, México
- Prof. Dr. René Gertz, UFRGS, Brasil
- Prof. Dr. Temístocles Américo Corrêa Cezar, UFRGS, Brasil

Secretaria

Elbio Quinta Junior (UFG)

Krisley Aparecida de Oliveira (UFG)

Murilo Gonçalves (UFG)

Tila Almeida Mendonça (Katholische Universität Eichstätt-Ingolstadt)

Sabrina Costa Braga (UFG)

Editores de arte e audiovisual

Arthur dos Reis Morais

Bruno Silva Mesquita

Túlio Henrique Queiroz e Silva

APRESENTAÇÃO E CORRESPONDÊNCIAS

HISTÓRIA E LINGUAGENS: BIOGRAFIA – FICÇÃO – TEORIA DA HISTÓRIA

Desde que Hans Robert Jauss, em sua conferência *O que é e com que fim se estuda história da literatura?* (1967), lançou o desafio de pensar a contribuição da literatura para a construção das percepções do mundo social, inúmeros esforços têm sido feitos por pesquisadores comprometidos em superar “o abismo entre literatura e história, entre o conhecimento estético e o histórico”. Os debates e reflexões acadêmicas em torno das relações entre História e Linguagens, em especial a partir de um eixo teórico em diálogo incessante com a Teoria da História, tem se expandido de modo significativo nas últimas décadas, reorientando os olhares da produção historiográfica recente às articulações entre expressões estético-culturais e a experiência temporal. Muitas das questões levantadas concernem, de um lado, às marcas da historicidade inerente às linguagens, ao exemplo da ficção, da autoficção ou da (auto)biografia, e, de outro, às contribuições das linguagens literárias para pensar os elementos constitutivos do fazer historiográfico: suas escritas, seus lugares, suas práticas. Estas e outras indagações norteiam as linhas centrais deste dossiê. Nele, reúnem-se pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas das humanidades, em especial da História e da Crítica Literária, interessados em dialogar com o referencial de pensamento proposto abaixo; com o fito de ampliar os domínios teóricos no interior da instabilidade que tem se formado na dimensão interdisciplinar dos estudos.

Dessa maneira acentuamos que a ficção tem sido tomada, na tradição ocidental, como um elemento de engano ou simplesmente enquanto produto da representação do real, que desde Platão tem se baseado na imitação como paradigma. Essa definição – já canonizada, cerceada pelo controle do imaginário e reduzida pela conformidade sociológica – acarreta inúmeras restrições no trato historiográfico e, por conseguinte, no campo da Teoria da História. De modo que atentamos também, no âmago desta tradição, para uma tendência ao afastamento de seus correlatos ficcionais (biografia, autobiografia e autoficção), como campos ligados ao falso e ao inverossímil, ou ainda ao mero entretenimento, e em consequência, revestidos com a impossibilidade de um aproveitamento para a História. Nesse sentido, os artigos e textos

reunidos neste dossiê articulam pensadores que tomam, em variados campos, a problemática da ficção em sua heterogeneidade de suportes, bem como seus efeitos, manifestações e recepção dentro do campo teórico, historiográfico e (auto)biográfico. Em comum às perspectivas deslindadas, um posicionamento que toma o fictício enquanto um ponto de partida para indagações sensíveis ao ofício historiográfico: o que fazemos quando lidamos com a produção de sentidos entretecida pelos discursos, ou ainda com os desafios acerca “da presença realizada na linguagem”¹, como evocou alhures Hans Ulrich Gumbrecht (2009).

A pluralidade de perspectivas teórico-metodológicas adotadas pelos artigos coligidos no dossiê aponta para dimensões convergentes: abordar as relações históricas entre linguagens, formas narrativas e experiências temporais, em especial, as interconexões entre a historicidade dos discursos ficcionais/autoficcionais e as tessituras sociais, culturais e políticas inerentes à sua produção. Por extensão, os textos reunidos neste dossiê nos convidam a questionar a construção teórica do discurso historiográfico a partir de uma relação incessante e dialógica com outras modalidades narrativas, nominalmente aquelas classificadas sob a rubrica do ficcional, compreendendo-as também como um esforço de constante reclassificação das formas de apreensão do passado e do presente. Finalmente, essas reflexões encontram-se refinadamente sintonizadas com a Teoria da História, ao promover reflexões epistemológicas a respeito dos diálogos entre discursos históricos e linguagens categorizadas como ficcionais ou dotadas de certa literariedade.

Indubitavelmente, Luiz Costa Lima (PUC-Rio) tem sido uma referência em meio a estes debates na produção historiográfica recente, em especial a partir de suas obras *A Aguarrás do Tempo* (1989), *História. Ficção. Literatura* (2006) e *O Controle do Imaginário & A Afirmação do Romance* (2009), dentre inúmeros outros livros e artigos nos quais discute questões caras às bases teóricas e discursivas do fazer historiográfico. Em seu artigo **Poesia e experiência estética**, publicado no presente dossiê, toma como ponto de partida os debates em torno da filosofia da linguagem para tratar da construção de sentidos e significados a partir das linguagens poéticas, simultaneamente atentando-nos aos desafios que a poesia tem apresentado para a crítica literária e para a historiografia. A ênfase recai à noção de experiência estética a partir da reflexão filosófica, sobretudo em Kant, por meio do qual Luiz Costa Lima enfatiza a

¹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. A presença realizada na linguagem: com atenção especial para a presença do passado. *História da Historiografia*, n.3, setembro de 2009, p. 10-22.

singularidade da sensibilidade “suscitada por um objeto de arte”, a qual “é possível de provocar a reocupação crítica do semântico”.

As singularidades conceituais do *logos* e *pathos*, em suas relações com o mundo da linguagem, fornecem subsídios analíticos para o texto **Logos e pathos em Antígona e Protágoras**, de Flávia Maria Schlee Eyler (PUC-Rio). Por meio da cosmogonia de Protágoras, ponto de partida do artigo, a autora discute relações entre virtudes e política como condições de possibilidade ao próprio bem comum da *polis* grega. A linguagem é novamente tomada como uma questão central, uma possibilidade de constituir sentidos em torno do ser e do viver, de construir mundos em que a condição humana torne-se possível.

Uma história conceitual da *vaidade*, por meio de dicionários espanhóis, franceses e portugueses ao longo dos séculos XVIII e XIX, é o objeto central de análise de Daniel Wanderson Ferreira (UFRJ) e Mannuella Luz de Oliveira Valinhas (UFRJ). No artigo intitulado **O tema da vaidade nas línguas espanhola, francesa e portuguesa: o estudo de semântica histórica em dicionários**, os autores abordam as transformações sócio-históricas implícitas na tópica da vaidade, e demonstram as formas pelas quais uma noção, originalmente associada à ideia numérica de valor, deslocou-se para um campo caracterizado por concepções éticas-morais.

Em **Uma biografia sem ninguém: reflexões acerca da biografia Getúlio Vargas: o Poder e o Sorriso (2006)**, Marcelo Hornos Steffens (UNIFAL-MG) analisa a biografia de Getúlio Vargas escrita por Boris Fausto, a fim de, por um lado, verificar se o texto dialoga com as novas formulações a respeito da biografia e, por outro lado, estabelecer uma confrontação entre o gênero biográfico e a historiografia recente, suas aproximações e distanciamentos. Ao fim, trata-se de analisar aspectos teóricos ligados à constituição de cada um dos gêneros e suas implicações para a escrita da história.

Uma releitura da conferência de Michel Foucault, *O que é um autor?* (1969, à luz de críticos e historiadores como Roland Barthes, Roger Chartier, Jorge Luís Borges e Giorgio Agamben) norteia o texto **O autor como gesto: revisitando uma questão foucaultiana**, de Reginaldo Sousa Chaves (UESPI). A conferência de Michel Foucault tem fornecido, indubitavelmente, subsídios para debates críticos em torno da concepção de emergência da autoria e o texto, em especial pela aproximação da perspectiva de Agamben, sugere delimitar a autoria enquanto gesto, uma forma de resistência do sujeito frente às tramas do poder.

Ficção, autoficção e (auto)biografia são linhas mestras que norteiam os artigos, atentos às relações incessantes entre as linguagens e seus vetores históricos e, portanto, contemplando as narrativas textuais enquanto elementos constitutivos do mundo social e de lugares de produção cultural. No artigo **Biografar, imaginar, escrever: escrita biográfica e imaginação histórica em João Manuel Pereira da Silva (1817-1898)**, Rafael Terra Dall’Agnol (UFRGS) analisa as relações entre a escrita biográfica e as formas de lembrar no supramencionado historiador oitocentista, em especial, nos volumes de sua obra *Plutarco Brasileiro*.

Em **Heróis de Papel. História e Biografia em Gustavo Barroso**, de Érika Morais Cerqueira (UFMG), acompanhamos uma análise atenta às formas discursivas e às concepções historiográficas presentes nas narrativas biográficas de um intelectual que, entre as décadas de 1920 e 1940, dedicou-se ao estudo de heróis militares, fulcros de identificação coletiva que, na óptica do biógrafo, seriam responsáveis pela constituição e reclassificação das relações de poder. História e memória, interesses políticos e sociais transparecem na escrita biográfica de Gustavo Barroso, além de recursos retóricos que visavam, por meio de narrativas humanizadoras, apresentar os heróis da história pátria aos seus leitores, para perpetuá-los na posteridade e na memória coletiva.

Estudos como estes, concernentes às relações entre História e Biografia, localizam-se em um vértice significativo de análise na produção historiográfica das últimas décadas. Na esteira das transformações de âmbito teórico-metodológico pelas quais passou o campo da História nas últimas décadas, o gênero (auto)biográfico se tornou um terreno privilegiado para debates e problematizações a respeito das experiências dos sujeitos históricos, articulados entre o individual e o coletivo, o público e o privado, as razões e as sensibilidades, a História e a memória. Ademais, possibilitaram que muitos historiadores e historiadoras pensassem nas modalidades múltiplas de atribuição de sentidos ao passado e da construção das culturas históricas de determinados contextos.

Os debates em torno da Teoria da História e dos *passados práticos* são retomados no texto **Historiografia e visada ética: Hayden White e os passados práticos**, de Walderez Simões Costa Ramalho (UFOP), Augusto Martins Ramires (UFOP) e Leticia Almeida Ferraz (UFOP). Na análise, a partir de referências de historiadores nacionais e estrangeiros, os autores apontam as limitações da proposta teórica de Hayden White, mas simultaneamente avaliam as possibilidades de sua aplicação no que compete à história da historiografia. Dentre os diálogos

suscitados pelo artigo, destaca-se a referência a Gadamer, ao proporem paralelos e aproximações teóricas em torno da proposta de White a respeito dos passados práticos e do questionamento ao método historiográfico moderno.

O dossiê conta também com duas **traduções: Algumas observações à proposta de uma nova representação do tempo na pintura do século XIX**, de Jeffrey Andre Barash (Université de Picardie Jules Verne), traduzido por Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-Rio). O argumento central do texto incide sobre a perspectiva de que movimentos vanguardistas do século XIX promovem expressões de experiência temporal, edulcoradas por um movimento de ultrapassagem de estilos precedentes nas artes visuais. Na medida em que a pintura cubista e as artes de vanguarda testemunham as transformações das sensibilidades artísticas em determinados períodos históricos, simultaneamente apontam para as distintas experiências temporais traduzidas pela expressão pictórica.

Em seguida, a tradução do texto de Samuel Becket, **Dante...Bruno. Vico... Joyce**, realizada por Lucas Peleias Gahiosk (PUC-Rio). O ensaio, até então inédito em língua portuguesa, foi publicado originalmente em 1929 em uma coletânea crítica em torno da recepção de *Work in Progress*, de James Joyce, título preliminar de seu *Finnegans Wake*. No ensaio, Becket cinge erudição e leveza ao dialogar com dois pares de intelectuais – Dante Alighieri e Giordano Bruno, Giambattista Vico e James Joyce – para tratar de relações fundamentais envolvendo a linguagem em tempos de modernismos.

Na seção de **artigos livres**, contamos com dois textos. No artigo **Las reactualizaciones contemporáneas de la teoría del reconocimiento**, o pesquisador argentino Leonardo Gustavo Carabajal (Universidad Nacional de Jujuy) trata da leitura realizada por Axel Honnet e Paul Ricoeur a respeito da teoria do reconhecimento de Hegel, desenvolvida durante o período de Jena. A tese central do artigo é a de que o conflito seria um elemento constitutivo da vida social, sendo que a tensão entre a liberdade positiva e negativa se resolve mediante a luta pelo reconhecimento em uma comunidade intersubjetiva. Já em **A história transnacional e a superação da metanarrativa da modernização**, Walter Francisco Figueiredo Lowande (UNIFAL-MG) empreende um esforço ligado a uma história da historiografia nacional mediante a apresentação de suas vertentes “pós-nacionais”, dentro das quais a história transnacional é destacada. Trata-se da incorporação de uma perspectiva espacial, isto é, que

ênfatisa os aspectos ligados às dinâmicas dos espaços e seus fluxos. Com isso, o autor pretende tratar da possibilidade de uma “superação da historiografia nacionalista”.

Na seção de **entrevistas**, **Luiz Costa Lima** é entrevistado por Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-Rio), Edson Silva de Lima (UNIRIO) e Maycon da Silva Tannis (PUC-Rio). Passadas quase seis décadas desde a publicação de seus primeiros trabalhos, Costa Lima apresenta-se em sua maturidade a responder questões referentes à dimensão ética na historiografia, a fragmentação do indivíduo em tempos de literaturas testemunhais, as relações entre mimesis e discursos históricos e literários, entre outras temáticas. Contamos também com uma entrevista com **Willi Bolle**, realizada por Augusto Leite (UFES), Josias Freire (IFB) e Marcello Felisberto Morais de Assunção (USP). Willi Bolle desenvolveu ao longo de sua trajetória diversas reflexões na intersecção entre história e literatura, sendo a “modernidade” brasileira o objeto primordial desses escritos. Tem sido um dos grandes divulgadores da obra de Walter Benjamin no Brasil, organizando coletâneas como *Documentos de cultura*, *documentos de barbárie* e a versão em português das *Passagens*.

Além disso, o presente número inaugura uma nova seção da Revista de Teoria da História: **conferência**. Como sugere o nome, a RTH passará a publicar textos advindos de conferências, aulas inaugurais e discursos, contribuindo, desse modo, para a disponibilização de conteúdos relativos à Teoria da História e à História da Historiografia para além do formato do artigo científico. A primeira contribuição é de Arthur Alfaix Assis, **História, Teoria e Liberdade: Saudação a Jörn Rüsen**, discurso proferido na cerimônia de concessão do título de doutor *honoris causa* a Jörn Rüsen pela Universidade de Brasília, em 25 de setembro de 2015.

Contamos ainda, na seção de **resenhas**, com o texto de Flávio Dantas Martins, **Uma História de vida de Paul Ricoeur**, a respeito do livro de François Dosse, *Paul Ricoeur - Os sentidos de uma vida* (2017).

Finalmente, complementamos a apresentação do volume com uma troca de cartas. Lidando com o meio de campo entre os discursos históricos e literários, Eduardo Ferraz (UERJ),

em seu texto **Correspondências historiográficas: Literatura e História para além da forma tradicional** (página 13 adiante), destaca-se duplamente. Em primeira instância, por mobilizar a escrita ensaística e o lugar de missivista, ao entretecer um diálogo cruzado com as linhas teóricas e conceituais do dossiê, em especial no que tange às indagações sobre biografia, autobiografia e autoficção ou ainda à “relação íntima entre a singularidade da experiência e a possibilidade do relato”. E, somado a isso, a centralidade da escrita enquanto modalidade de relação intrínseca com o real, ou, como sumariza ao tratar de Roland Barthes, “desmistificar a própria noção de literatura, para combater a dilaceração do esquecimento”.

Essa carta/artigo foi enviado pelo professor da UERJ e querido amigo Eduardo Ferraz que atendendo ao pedido da comissão de organização do dossiê História e Linguagens enviou um texto original, teórico e preocupado em dialogar com as questões indicadas em nossa chamada para artigos. Com muito cuidado o professor aponta questões centrais a respeito da ficcionalidade da vida, do sujeito simulado e da interdisciplinaridade necessária ao desenvolvimento de pesquisas que congratulam conosco a vontade de renovação e estímulo ao diferente. Ela traz uma forma dissidente dos modelos acadêmico-monográficos sem perder o rigor científico. Em uma forma leve de conteúdo denso se preocupou em apontar, com uma erudição pouco presente em nosso métier, questões que estejam presentes na feitura da escrita da história no mundo contemporâneo e sua relação heurística com a faculdade de julgar reflexionante.

Correspondências historiográficas: Literatura e História para além da forma tradicional

Eduardo Ferraz Felipe²

Querida Carolina,

Fico imaginando, aqui, o quanto é estimulante, para vocês, organizar esse dossiê. Apesar de ainda não nos conhecermos, fiquei animado com esse primeiro diálogo, mesmo que seja por uma carta. Por vezes, pensei em mandar e-mails a vocês. Por outras, acreditei que seria melhor apresentar um texto crítico com a presença de um ator e tal. Nenhuma delas daria conta das intenções que apresento aqui, nem mesmo iria transparecer o afeto que sinto por vocês.

Entendo que, se essas cartas são escritas a “quatro olhos”, os olhos de quem escreve e do destinatário que as lê, elas devem ser entendidas como um diálogo cruzado. Há traços de mim em cada uma delas. Tentei tangenciar o que pude reconhecer de vocês, mesmo estando à distância. Assim como em outras dessas cartas mantive minha atenção à chamada do dossiê. Também percebo, assim como vocês, a instabilidade que tem se formado na dimensão interdisciplinar dos estudos históricos e historiográficos. Apenas devemos lembrar que ela não está presente apenas no interior dos estudos históricos.

Já o que mais me interessa, para além do diagnóstico da ficção sendo tomada como mentira, conforme trabalhado por alguns autores, dentre os quais o próprio Costa Lima, foi essa localização da ficção entre biografia e Teoria da História. Acho que o uso da biografia como problema historiográfico já tem sido bastante tratado; contudo, compreendo quando indicam impossibilidade de um aproveitamento para a História do trato biográfico. Essas cartas são uma

² Professor do Programa de Pós-Graduação em História do departamento de história da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Investigou a historicidade do ensaio e sua relação com obras de ficção histórica. Pesquisador do MAC - SP com bolsa de Pesquisa em Acervos. Os interesses são voltados por um lado para a questão da Ética e da prosa e, por outro, Arte-Educação. Tem interesse nas estratégias discursivas e formas de popularização do passado em prosas e ensaios de fins do século XX e início do século XXI, especialmente com textos de narradores contemporâneos latino-americanos e de países de língua anglófona.

espécie de sugestão possível para a chamada do dossiê. Trazer para o primeiro plano algumas questões norteadas pelo que chamamos de biográfico é um dos principais méritos dessa proposta levantada por vocês. Fico um pouco com a sensação de que esse tema do biográfico poderia ter sido mais desenvolvido. Percebo que aquilo que vocês tanto querem enfatizar é a ênfase no questionamento da escrita profissional do campo dos estudos históricos. Desse lado do prisma, acho mais acertada a presença dos desdobramentos das indagações sobre biografia, autobiografia e autoficção, do que exatamente na discussão sobre História e Ficção.

Talvez por isso, opto, em geral, por enfatizar o estudo da narrativa histórica do que exatamente o problema da ficção e suas dimensões epistemológicas. Acredito que consigo me debruçar mais sobre obras, textos e ensaios, do que sobre outros livros que discutam a ficção, mesmo que dentro da tradição dos estudos históricos, como no caso de Hayden White. Esse caminho que começa com ele apresenta forte inflexão na obra do Luiz Costa Lima em seu rigor destacável. Ainda no dossiê, achei um tanto quanto estranha a presença do Koselleck ao lado do White. Aquilo que achei interessante foi o modo amplo e aberto como vocês se colocaram diante das tensões existentes entre campos profissionais. Parece-me acertada a decisão de avisar aos leitores de que eles não encontrarão explicações ou exposições imediatas acerca do tema, mas entrarão em uma arena feita de polêmicas no que diz respeito às relações entre história e literatura.

Meu modo de contribuir foi ampliar mais ainda o escopo dessa discussão com essas cartas. Meu próprio percurso, nesses tempos de golpe, está sendo posto em jogo. Não somente pela foto ou pelas palavras, mas porque em todas as cartas a abertura para a réplica foi o tom escolhido. Por isso, concebo essas cartas mais como um diálogo do que um artigo científico. E, por isso, ao longo dessas cartas, fiz de traços de minha própria biografia um caminho; e assim acredito que possamos voltar ao que importa: nossa relação íntima entre a singularidade da experiência e a possibilidade do relato. Acredito que a melhor forma de tratar esse desdobramento seja a partir do que já vim anunciando aqui: a crítica da especificidade estética. Uma autora interessante, que leio há alguns anos, Svetlana Boym, fez algumas contribuições sugestivas. A proposta da autora de ler o Viktor Shklovsky para utilizar o seu *ostranenie* a relação de estranhamento com a especificidade em uma chave que o aproxima de das teorias de Benjamin, Warburg e Simmel e, até mesmo, do comum maravilhoso surrealista, é potente. Li diversos de seus livros e eles me inspiraram a enfrentar diversos temas, como o da nostalgia,

por exemplo. Distinto, nesse caso, é a possibilidade da autora de propor um caminho no qual a autonomia estética, que fundamenta muitas de nossas leituras do romance, pode ser tomada enquanto valores cambiantes e ambíguos. Esse é o passo que ela toma, a partir de suas publicações que questionam o modo moderno de entender o futuro, em princípios do século XX. Já com *The Future of nostalgia*, Boym lida com a relação entre autonomia da arte e dispositivo. A autora enfatiza, a partir daí, que a relação entre autonomia da arte e dispositivo ocorrem de modo mutuamente definível.

A partir dessas indagações, Carol, novamente retorno a alguns dos textos mais híbridos que citei nessas cartas, como o *Nick's Movie* do Wenders, *Soldados de Salamina* de Javier Cercas e *La Novela Luminosa* de Levrero. Se a atenção ao que acontece por detrás dos panos muito me instiga, deve-se à tentativa de embaralhamento de fronteiras e a busca por não-pertencimento de cada uma dessas obras. Não se trata, exatamente, da mistura entre História e ficção, o que já foi feito em diversos momentos. Nas narrativas que lidam com o trauma essa perspectiva é muito enfatizada. Por exemplo, no livro de Rodrigo Rey Rosa *El Material Humano*, essa mistura entre História e ficção estão colocadas de modo diametralmente opostos e, a partir daí, se mistura. Pelo menos do modo como as entendo, não se trata bem disso. Não é que se coloque contra isso também, Carol. Trata-se de um deslocamento de ênfase. Narrar o que acontece nos bastidores, lidar com aquilo que imediatamente não necessita ganhar uma forma acabada, nos termos convencionais do romance, como em Defoe, propicia uma ampliação. Como se nesse mundo em que vivemos, aqui, abaixo das estrelas, deixássemos de buscar a definição final das formas que mobilizamos. E, a partir daí, passássemos a nos dedicar a outro tipo de empreendimento vocacionado a interferir nisso que chamamos de realidade para além das dicotomias que mobilizamos. Talvez a chamada do dossiê pudesse ganhar mais ao lidar com a relação entre História e ficção não exatamente pedindo a reabilitação da ficção. Talvez, Carol, o que pudéssemos nos indagar é a respeito do valor da continuidade do seu uso; em que lugar nos colocamos, e qual o impacto epistemológico, quando lidamos com o que chamamos de ficção. Atentar para o suporte e a estratégia de montagem das obras pode ser um primeiro passo para lidarmos por outros ângulos com esses impasses, pelo menos no campo dos estudos históricos.

Deixamos os desenvolvimentos seguintes para outro momento.

Um grande abraço e espero que um dia possamos conversar pessoalmente.

Querido Edson,

aceito sim. Para mim é uma honra. Fico alegre quando vejo estudantes se movendo e propondo indagações pertinentes aos seus campos de conhecimento. Já que andamos mais distantes e não dividimos o cotidiano, vai ser bom botar as coisas por escrito, continuar esse diálogo que ao vivo era uma agradável concha de retalhos entre o que eu dizia, o que você dizia, o que ambiente nos permitia ouvir e o que o ruído permitia suturar.

Achei sugestiva a proposta do dossiê. Sinto-me inserido tanto no que concordo quanto naquilo que discordo do que vocês apresentaram. A princípio, pensei em escrever um ensaio totalmente identificado com a proposta de vocês. Ele começaria com um título que lidasse com a relação entre História & ficção em algum autor dos últimos tempos. Algum autor que tivesse como interesse questionar a escrita profissional acerca do passado e que tivesse escrito sobre tipologias diversas. O romance, o ensaio ou talvez a poesia seriam mobilizados a partir da relação entre fato e ficção, suas tensões, permeamentos e distanciamentos. Imediatamente me vieram à cabeça uns quatro ou cinco autores que poderiam sugerir um percurso e desenvolvimento interessantes para essa chamada. Eles estariam atrelados ao que vocês propuseram nas linhas de apresentação do dossiê. Por fim, encontraria um título daqueles que, em geral, utilizamos quando nos propomos a escrever artigos ou ensaios para revistas especializadas, ou seja, “história e ficção na obra de...” ou “a catástrofe, a história e a ficção em ...”.

Optei por seguir um caminho um pouco diverso, entretanto. Buscava algo que pudesse dialogar com você, mas que não perdesse aquela relação de acordo e desacordo que já havia te dito um pouco antes. Agradecido pelo convite e alegre por ver uma geração mais jovem propondo um dossiê, não gostaria de seguir esse caminho da escrita de um autor, nem mesmo utilizar aquelas coisas que de vez em quando esbarramos quando mexemos na gaveta. Estava querendo algo que lidasse com a singularidade do instante, mesmo que colocasse certo ruído nas rígidas “diretrizes aos autores” que aparecem na política de submissões da revista. Somente assim acreditei que pudesse fazer jus ao instante e ao lugar que essa proposta busca ocupar nas publicações atuais do campo dos estudos históricos. Somente assim poderia dar conta da satisfação em vê-los propondo algo e me perceber como parte de uma rede que auxiliasse nesse

desenvolvimento. Entendo que, como professor universitário, uma das minhas tarefas é abrir veredas para as próximas gerações.

Tudo o que está em jogo me lembra um trecho que é da obra de Ricardo Piglia. Não tenho plena certeza, mas acho que ele provém de *Los diarios de Emilio Renzi*. Não consegui recuperar exatamente a referência. O menino que via o avô com um objeto retangular nas mãos, completamente absorto, tentava copiá-lo sentado na calçada de um bairro em Adrogué. Até que um dia uma sombra de um velho quase cego comenta que o livro estava de cabeça para baixo. Retira Renzi daí uma espécie de ato inaugural — não uma evocação ou uma decisão — da mania daquilo que se chama de escrita e leitura. Essa anedota é sintomática de certa relação fortuita com a escrita que não a diminui, mas a expande para além da busca de certezas e de definições categóricas. Passamos anos de nossa vida agindo (escrevendo) como algumas das imagens recusadas por Renzi, seja sob a forma de evocação, seja sob a forma de decisão. Hoje me sinto menos tentado a provar e a constatar o que, no fundo, muitos outros podem fazer com muito mais vigor e vontade. Por vezes, algumas dessas afirmativas tornam-se críveis, com seus critérios de constatação e verificação, pois atuam dentro de um campo de conhecimento que já disponibiliza um leque de perguntas possíveis típicas de qualquer modalidade de conhecimento.

Sou menos movido pela procura de conhecimento do que pelo intuito de imaginar linhas invisíveis a tecer uma ligadura entre as coisas desse mundo. Buscar essas tramas tênues de sentido, construí-las e desfazê-las, sempre me interessou mais. É claro que isso não significa uma apologia do amadorismo, mas de mergulhar naquilo que me atinge. A partir daí mergulho. Não acho possível me desfazer da bagagem teórica que carrego comigo. Não desejo me desfazer da memória disciplinar a partir da qual estabelecemos esse estar coletivo; apenas acredito que ela deve ser usada menos como cartas na manga a serem apresentadas conforme o desenrolar da partida, e mais como parte de um corpo em mutação que possui um estar e reconhece seu inacabamento.

Por falar em cartas, Edson, se escrevo essas a vocês, é porque minhas pesquisas (esse conceito ruim do qual não gosto) se tornou inseparável da nossa amizade e ao mesmo tempo desse habitar. A ideia de escrever um artigo formal não iria condizer com minha intenção de ampliar e questionar a proposta feita por vocês no dossiê. Não seria capaz, insisto, de reafirmar minhas convicções acerca da escrita, não conseguiria mesmo desenvolver uma proposta que contivesse alguma particularidade crítica e pudesse lidar com o biográfico. Essas cartas são para

vocês e com vocês. Nada aqui me pertence, mas me responsabilizo por tudo. O que escrevo pertence à relação, tecida nessa salutar distância, e não a um ou a outro dos envolvidos. A partir daí acredito que a riqueza do encontro possa ganhar amplitude e que a alegria da partilha ganhe sua devida magnitude.

O estudo e a vida se misturam, enfim. Parto de anotações biográficas sutis. Nada muito explícito que pudesse gerar uma inversão de ênfase. A relação com os meus estudos e essas cartas ocorrem ao mesmo tempo em que volto a me interessar por piano. Trata-se de um interesse ainda não materializado. Mas é algo que vai além da relação empática e retoma mais de quatro anos de investimento em estudos musicais durante a juventude. Algo me faz acreditar que agora será diferente. Mesmo que a diferença seja não me tornar um virtuose, como era antes. Seja apenas estar atento ao seu som. Retornar de um modo diverso, e não disposto a atar as duas pontas da vida. Retornar como retorno às cartas que sempre adorei ler; como fiz no estudo sobre Capistrano de Abreu, no mestrado, e nas cartas de Alejo Carpentier, no doutorado. Em ambos os casos me interessava por aquilo que Stephen Greenblatt chamava de automodelagem a clareza e a autonomia moderna na elaboração de sua própria identidade. Acho que não concordo mais com tudo isso, mas ainda permaneço insistindo no tema, porém agora com uma série de outras ênfases. Acredito que essa seja uma opção adequada para a proposta do dossiê, porém muito mais adequada para esses frágeis *flashes* de lembrança individual, deixados dispersos nessas cartas.

Espero que essa dispersão se instale entre eu e você. Torço para que os fios dispersos possam indicar minha relação entre pesquisa e vida, meu pacto com esse vazio ao meu redor. Não busco consolação. Trata-se de uma aceitação do que está ante mim. Venho conversando com meus alunos sobre temas que vocês elencaram na introdução desse dossiê. Parto, por isso, de anotações biográficas como o início de um movimento que, se não demanda impulso, depende dessa vereda para estimular a correlação com alguns autores, obras e perguntas. Tento me expor: a força, a fraqueza, os silêncios são parte da vulnerabilidade que você pode captar por esse ângulo. Não conseguiria esgotar teoricamente nada do que foi pedido na chamada do dossiê; por isso, encontro esse ângulo de fluidez e capricho no trato com essa chamada do título. É apenas um ensaio, Édson, com sua fuga da estrutura rígida dos tratados. Busco a dignidade do efêmero, assim como Adorno havia afirmado com relação ao ensaio. Evito definir conceitos a priori; espero que a precisão surja das relações que cada um passa a estabelecer entre si nas

novas configurações que criam uns com os outros, sem que se forme uma rígida estrutura. O “campo de forças”, a expressão que Adorno toma de Benjamin, que me lembra muito mais as constelações benjaminianas. Benjamin olha para os céus, mesmo que esteja com o livro aberto; procura certo sentido, lê construindo constelações em que se relacionam o acaso, o cotidiano, as imagens mais comuns.

Aposto em sua clarividência e em certo tom profético que suas palavras carregam. Acho adequado ao nosso tempo, adequado a essa escrita que te oferto no qual o modo como vocês apresentam História e Ficção me parece muito rígido. Para mim, nisso tudo, o que mais me interessa é perceber o movimento das próximas gerações, entretanto. E, por meio de um lampejo, perceber certo porvir. Confesso que resisti a escrever “continuidade” na última frase. Escrevi e apaguei. A palavra afundou aqui. Escrita e naufrágio possuem tensa relação. No fundo, todas são a expressão da inconstância e a possibilidade de que eu e você formemos um nós em sua leitura. Assim acredito que possamos conversar mais sobre a chamada presente no título. No mais, talvez nada disso seja tão sério. Talvez um regalo, só isso.

Continuamos a conversa, agora, de modo coletivo. Incorporamos Maycon, Evander e Carol. Espero que essa oferta contribua para vocês.

No mais, um grande abraço.

Querido Evander,

Não nos conhecemos pessoalmente. Escrevo essa carta como um regalo para esse dossiê. Acredito que assim possamos desenvolver mais o diálogo. Deixo também a mão estendida para a amizade. Espero que esse seja o contato inicial de muitas conversas intelectuais.

Essa é mais uma das cartas que escrevo a vocês. Somente assim pude responder ao que foi pedido no dossiê. Achei interessante a proposta; não por concordar com ela plenamente, mas por entendê-la como um convite ao comentário. O diálogo é a melhor parte de tudo isso; por isso, optei por seguir uma forma em desuso e praticamente esquecida atualmente. Minha intenção era ser anacrônico, mas legar um anacronismo deliberado. Um anacronismo ciente de si mesmo, possuidor da clareza de seus objetivos. Você pode até me chamar de antiquado. Não me considero velho; apenas aquele que busca atualizar um procedimento antigo. Acho mais

elegante esse modelo de cartas do que a presença de emails no corpo do texto. Acho que assim podemos nos ouvir melhor. Fica a porta aberta para réplicas. Quando recebi do Edson o convite, fiquei me indagando qual o melhor papel a ser desempenhado. Como assinarei como professor, só poderia entender, como entendo, todo o esforço de vocês como um estímulo para o campo dos estudos históricos. Vejo com bons olhos esse lance dos jovens tomarem as rédeas das ações. Entendo que as novas gerações devem ocupar um papel bacana no campo disciplinar.

Lidei com alguns escritores para dizer o que gostaria: Ricardo Piglia e Mario Levrero e, também, o cineasta Wim Wenders. Em todos eles, tomados como exemplo do que enfatizo, destaquei essa invenção no *making off* como possibilidade de escrita. Wenders é grandioso. Piglia analítico. E Levrero um tanto quanto estranho, digamos. Sob a sombra da estranheza de Levrero poderíamos começar. O denominado experimentalismo com a linguagem e o flerte com o surrealismo me interessam pouco. O que mais me interessa mesmo é a relação com a procrastinação, a relação permanente com a pouca vontade de definir, de matizar aquilo que deveria ganhar uma forma final. Essa relação entre entrega de um texto final e seu suposto “inacabamento” me interessa. Esse modo de narrar o que está por detrás dos panos como aquilo que se quer tornar o primeiro plano.

Por falar entre o que deve assumir protagonismo na escrita ou deve ser deixado para trás, lembro que ainda não citei por aqui outro empreendimento: *Os Soldados de Salamina*, de Javier Cercas. A conjunção entre memória, história e criação artística são parte indissociável da abertura que trata da execução do livro, os impasses do narrador e se projeta para além do próprio livro. A intenção de tornar claro os impasses pelos quais passou ao tentar escrever, como a sua depressão e o abandono da mulher, dialogam muito com meu próprio momento. Em todos esses momentos, Cercas está sendo circundados pela procrastinação e o abandono de projetos. Já no início de *Os Soldados de Salamina* sabemos que estamos diante de uma proposta incomum, pelo menos para o momento em que foi concebida a prosa. Indago, com Javier Cercas, se esse procedimento não tem se tornado hegemônico desde o momento em que foi publicado seu “romance”. Talvez, essas cartas circundam esse objetivo, mesmo que tenha clareza de que não se trata de buscar dados que o expliquem.

Continuo aqui pensando sobre a Jusefina Ludmer, mas agora consigo perceber sua indagação a partir de alguns outros registros. Peço um pouco da sua atenção para o que talvez mais importe nesse instante: a tendência contemporânea para a diluição de fronteiras. O

entrecruzamento de meios e suportes apresenta-se não somente enquanto estratégia para apresentar uma obra acabada e pronta. Serve também, Evander, como um discurso contrário às obras que se propõe a sustentar sua própria legitimidade em qualquer unicidade desse mesmo meio. O livro, como suporte privilegiado utilizado especialmente por historiadores, ou até mesmo a ênfase na palavra escrita, parecem estar postas em xeque. Não para que o nosso diálogo se desloque para toda a discussão apresentada de diversas formas pelo que se convencionou chamar em um grande guarda-chuva de História Pública, mas pela possibilidade aberta a partir do uso desse insight da arte para pensar o campo dos estudos históricos. Ainda não tenho certeza, Evander, mas talvez seja possível retirar daí algum fruto ou, no mínimo, uma semente para indagações futuras.

Claro que poderíamos nos remeter a W.G. Sebald e toda a relação estabelecida entre imagem e palavra e a mistura de gêneros de suas prosas, o que torna apressado o próprio uso do conceito de ficção para identificá-las. Esse talvez seja o exemplo mais conhecido, aquilo que todo mundo leu. Devido meus interesses em ensaio, que nunca soube muito bem de onde veio, cheguei primeiro a *Anéis de Saturno*; depois fui atrás de *Vertigem* e, o último, foi *Os Emigrantes*. Claro que em meio a tudo isso teve *Austerlitz*, lá pelo ano de 2011. Fico aqui buscando um modo de ampliar as possibilidades de leituras de vocês, e aí me veio à cabeça o Mario Bellatin do *Salón de Belleza*. O espaço da escrita, em geral como ocorre em outros livros de Bellatin, é convertido em um cenário em que as mais diversas possibilidades de imagens, indo da mãe solteira ao latido do cão, podem ser copiados no texto. Eles provêm da cidade e foram todos, pouco a pouco, incorporados à escrita de Bellatin. Além disso, gosto muito da epígrafe: “Cualquier clase de inhumanidad se convierte, con el tiempo, en humana”. Não sei se já lhe disse, mas sou apaixonado por epígrafes.

Percebo que essa multiplicidade e esse espírito de anotação, presente nessas obras, evitam o espírito de anotação típicos do romance novecentista, poderíamos dizer. Trata-se de uma diferenciação sensível, como já havia comentado com o Edson e o Maycon, aqui, nessas cartas. Claro que definir precisamente com o que estamos lidando não é uma tarefa nada fácil. Inclusive, cada um desses pontos poderia (talvez alguns dissessem deveria) ser mais desenvolvidos. Antes disso, fico por aqui encaminhando alguns dos temas que sempre admirei e escutando esse narrador em primeira pessoa, presente na maioria dessas prosas atuais. Tudo isso se mistura, como vocês pontuaram na chamada do dossiê, ao momento político que

vivemos. Desde que o golpe e a narrativa do golpe ganharam força até a prisão do Lula parece que a decadência está sempre ao nosso redor. Nem mesmo decadência, mas esse retorno do que é obsoleto a nos rondar. Essa nossa sensação de “já vi isso antes” que ataca nossos olhos, que embaralha os nossos tempos. Talvez tenha sido isso que me fez tirar uma foto para minha própria recordação, em uma exposição em Buenos Aires, em 2016. Fico me perguntando se não foi naquele momento, há quase dois anos atrás, que comecei a escrever essa carta que agora te envio.



“Desnecessário dizer o quanto sou encantado pelo que é obsoleto.”

Engraçado, Evander, como, por vezes, nossas lembranças nos atacam. Sempre tive predileção por ensaios. Nunca entendi muito bem o motivo. Consegui ler quase toda a tradição ensaística. Desde seu começo com Montaigne, até as produções atuais em línguas inglesa, portuguesa e espanhola; passando por ensaístas do século XVIII em língua inglesa e francesa. Consigo perceber, hoje, o retorno desse espírito ensaístico em diversos livros publicados. Não se trata de dizer que são ensaios, claro que não. Não se trata disso, Evander. Mas de que a mistura de registros diversos retoma algumas das estratégias de escrita típicas do século XVIII, por exemplo. Nada disso é tão difícil perceber, já que David Hume, por exemplo, cansava de enfatizar tudo isso em seus escritos. Lidei com os ensaios de Hume em um curso que dei na Casa Dirce Cortes Riedel, em 2015, no qual o Edson esteve presente. Nessa casa agradável localizada em Botafogo, conversamos sobre impasses dos ensaístas na tradição de língua

inglesa e espanhola sem respeitar muito a cronologia, mas buscando alguns de seus principais insights em suas específicas historicidades. Em outras palavras, devemos estar atentos às indagações feitas por Dominick LaCapra, na década de oitenta, acerca da relação entre historicidade e forma literária, como uma sugestão ao campo dos estudos históricos. Nessa década, ele efetivou muito bem seus insights tanto em *Rethinking Intellectual History* quanto em *History and Criticism*.

Essa mistura de registros, hoje, parece ser uma distinção de nossa historicidade. A ênfase na prosa, não somente embaralha os percursos da relação entre História e ficção; mas por vezes tornam algumas das discussões antes levantadas um tanto quanto obsoletas. Uma delas, acredito, seja a tomada das referências principais dessas discussões por meio do recurso à evidência. Hoje me parece que estamos muito mais interessados na narrativa e menos atentos a esses debates que ainda nos lembram fins do século XX. Bom, talvez não precisemos ir tão longe, essa carta já está chegando ao seu fim. Não acho que seja o momento de abrir mais esse percurso. Nessa conversa coletiva, acho que mais algumas marcas dessa indagação ganharão densidade. Assim, poderemos, quem sabe, superar os limites da tipologia comum das cartas. Ser escrita a “quatro olhos” não quer dizer, em nosso instante, que somente os envolvidos nas cartas poderão ler. Acho um desperdício. Fica o convite para que troquem entre si as cartas e as organizem, do jeito que acharem melhor.

Quando vier ao Rio de Janeiro avise. Aqui não anda tão frio como no Paraná e a luz do sol anda ótima para boas fotos.

Um abraço.

Querido Maycon,

Uma pena ainda não nos conhecermos pessoalmente. Edson sempre fala bem de ti. Espero que essa seja a primeira oportunidade de um diálogo de muitos anos. Fico animado quando entro em contato com propostas interessantes de estudantes dedicados como vocês. Justamente sobre isso que estou pensando enquanto estou sentado aqui de frente para o meu notebook. Na tela do computador minha imagem se reflete enquanto escrevo essa carta. Do reflexo vejo alguns poucos livros dispersos em minha casa. Observo-os de modo lateral. Volto a um deles; às suas páginas sem reflexo. O livro é justamente *Passagens* de Benjamin. A bela

edição lançada em 2007 que mobilizou muitos tradutores e que, agora, está sendo reeditada em três livros. Lembrei que o livro me veio à cabeça em uma manhã dessa mesma semana, ao caminhar por uma livraria famosa em que vi algumas imagens de monumentos. Eu, ingenuamente, acreditava que os monumentos deveriam passar alguma coisa para os visitantes que se propõem a visitá-los mais do que representar. Mais do que sabia, eu sentia que essa intenção poderia ser sem sentido; depois, no fim do mesmo dia, me dei conta de que era plausível tudo o que dizia, ao ver um trecho das *Passagens*, dos halls de exposição, das estações, em que Benjamin fala de “fins transitórios”. Benjamin associa esses fins transitórios às estações de trem. O termo causa estranhamento, por ser uma espécie de oxímoro deslocado e mal situado, o que cabe bem nas *Passagens*.

Tenho sempre relutância a denominar *Passagens* de livro. O projeto é de livro, mas os acontecimentos, sua forma singular e a intensidade em que tudo está escrito não me remete ao que de convencional todo livro me lembra. Mais uma vez parece ser a opção singular de Benjamin, que hoje é tão lembrado e que foi definidor em diversos de seus leitores de prosa e poesia. Um deles, Ricardo Piglia, construiu sua obra lidando com impasses da escrita em prosa. Sempre valorizou a aporia e se indagava se era possível ter acesso ao outro, se poderíamos, em algum momento, dizer a verdade. Imerso na tradição da teoria literária, lidava com o campo da História e da biografia, especialmente atento aos rumos do romance e do conto. Leitor das *Passagens*, a unia com a tradição literária norte-americana, Proust e Aristóteles. É justamente da *Poética* de Aristóteles que vem um dos principais nortes da proposição da chamada do dossiê por vocês organizada. Desde Aristóteles, a teoria literária, mesmo antes de existir a enquanto teoria, resolve o problema da criação ficcional a partir da noção de verossimilhança. Não se trata exatamente de considerá-la como falsidade, mas por associar a relação da poesia com a verossimilhança e não com a verdade. A sua *poiesis* está intimamente ligada à sua coerência interna. O problema persiste desde esse instante. O que indica, como suspeitamos, e como é sugerido no texto inicial de vocês, que a literatura não está ligada ao afastamento com relação à verdade, mas justamente sugere uma proximidade da verdade.

Poderíamos dar um salto, se preferir. Já no seu primeiro livro, *O grau zero da escrita*, Roland Barthes substituía a ideia de literatura pela ideia de “escrita”. Em sua preparação do romance, já no fim da vida, mirando o “Vita Nova”, escrever e desejo de escrever são indissociáveis. A noção de escrita como um caminho para desmistificar a própria noção de

literatura, para combater a dilaceração do esquecimento, na medida em que esse está relacionado com o absoluto, como dizia. Não cabe aqui desenvolver mais, Maycon. As referências estão dispersas, propositadamente. Mais do que aprofundar a análise de um autor, ou de utilizar um livro para lidar com o temário por vocês proposto nesse dossiê, a minha intenção foi, até aqui, ler a proposta de vocês. Comentar, desdobrar, rasurar. Fazer de minha própria escrita um apêndice, uma caixa de comentário da proposição de vocês. Por isso, essas cartas estão menos interessadas na análise da relação entre ficção e História e, conforme sugerido por Barthes, muito mais interessadas na preparação, digamos assim. A aproximação das referências das cartas, inscritas em motivações diversas, se referem muito mais a um limite que se explica melhor ao indagarmos as possibilidades da escrita do que, exatamente, fronteiras entre público e privado e, acredito, a questão da ficção. O próprio termo “prosa de ficção” como uma atualização do romance, não parece ser o mais adequado. Os diários de Piglia, Levrero, Paul Auster, Julio Ramón Ribeyro, também comentados com Edson, a menção rápida a Aristóteles e Barthes, são apenas indicativos dos impasses e limiares, éticos diria, entre “escrever” e “fazer a literatura”.

Note que muito do que foi aqui dito poderia ter sido desenvolvido por outro caminho. O mais esperado seria o percurso que mobilizaria Hayden White e Dominick LaCapra e as discussões que se remetem à evidência histórica. Mas gostaria de seguir outro percurso, espero que me entenda Maycon. Estou muito mais atento ao que o Barthes chamou de “preparação”. Minha intenção, nas cartas, é tangenciar esse tema e torná-lo um motivo para a nossa conversa. A partir da discussão levantada por vocês da Ficção e da História, meu alvo era não ficar discutindo falso, verossímil ou inverossímil. Fico tentando lidar com algumas das aporias colocadas por alguns autores sobre a ficção quando ele tende a ser relacionada a autonomia estética e entender, a partir disso, formas que pretendem falar do outro sem toda essa carga de “peso” ou “culpa”. Claro, me refiro ao ensaio, ao documentário, ao diário, a carta. Não que essa preparação necessite ser considerada uma antecâmara do porvir, mas por que ela já possui em si o valor que demanda o nosso debruçar sobre elas.

Fico imaginando que todos nós poderíamos apresentar referências diversas. Imediatamente já me vem à cabeça o filme do Wim Wenders *Lighting over the water* — um Filme para Nick. Filmado a partir da relação entre Wim Wenders e Nicholas Ray, acompanha os instantes da doença desse último, ao mesmo tempo enfatiza a sua experiência

cinematográfica do encontro entre ambos. O filme todo nasce como uma espécie de *making off* de um filme porvir. Nick, muito doente, sendo filmado em seu cotidiano por e com Wenders. Percebemos a doença de Nick avançar ao longo do filme. Combinam de fazer um filme juntos, mas ao longo das cenas do filme, o que se percebe é que não haverá outro filme. Não há porvir. Aquele já é o filme. Não haverá nada além do que está sendo gravado, percebemos isso ao longo do filme. Nick morre durante as gravações. Talvez esse não seja um dos filmes que mais gosto de Wenders, acho difícil competir com aquele que foi traduzido por *Asas do Desejo*, mas acredito que seja o mais adequado ao que estamos tentando conversar aqui. Lidar com a morte é mais sutil e mais adequado em produções nas quais a relação entre “preparação” e “execução” são fluidas ou, na verdade, a preparação já é a sua execução.

Poderia citar, aqui, o Levrero de *La novela luminosa*. Levrero fala sobre seu desejo de escrever um romance e, ao longo de tudo aquilo que poderíamos chamar de um diário, ele descreve, aprofunda e desenvolve suas instigantes reflexões sobre o escrita, corpo, rotina, sexo, jogo, hipocondria, amor e computadores. Após ter ganhado uma bolsa da fundação Guggenheim para terminar de escrever o seu romance iniciado em 1984, opta por mergulhar dentro de si mesmo e escrever um diário da escrita de um romance. Porém, ele é muito mais do que isso. Qualquer espécie ou possibilidade de transcendência se dissolve, ou se efetua, na permanente repetição de manias cotidianas. O permanente adiamento do projeto é a reiteração de uma modalidade de relacionamento e elaboração das coisas que, por fim, termina por lapidar isso que, na falta de um nome melhor, chamamos de vida. Sua desconfiança frente aos escritores que propunham grandes narrativas latino-americanas é marca daquele que se levanta contra qualquer normalização. Não está preocupado com fundar, refundar, criticar ou atacar qualquer corrente capaz de definir o que é a escrita; apenas escreve. Talvez essa pequenez do gesto seja sua marca maior. Particularmente sinto falta de uma série de coisas, mas ele parece atingir o mais alto do poderia esperar com o que nos foi dado a ler, com o que era seu objetivo inicial.

Tanto em Wenders quanto em Levrero percebo tudo isso que quis enfatizar nessa carta para você; a valorização de tudo isso que não anseia pela obra acabada. Não se trata de que não as valorize, Maycon. Pelo contrário, poderia apresentar para você uma análise de algum romance histórico. Não era isso o que buscava. Nem acho que seria o mais adequado à proposta de vocês. Valorizo o que julguei interessante na chamada. Aquilo que percebo como o que vocês chamam de confluência teórica a partir da discussão sobre ficção. É justamente aqui que

parece residir certo limite do que falamos. Essas obras fogem do que se poderia esperar como “pura ficção”. Apoiam-se em outro registro, pois miram outras perspectivas de leitura. A partir delas a discussão sobre autonomia artística parece ter encontrado certo limite e precisa ser realocada.

A partir daí ganha relevo a proposta de Josefina Ludmer com as “literaturas pós-autônomas”. Gosto do insight central utilizado pela autora: não importa se aquilo que está em nossas mãos é ou não é literatura; se é ou não é ficção; se é ou não é História; se é ou não é realidade. Algumas poucas vezes utilizei o termo “prosa de ficção”, mas, na verdade, a minha intenção era muito mais situar o leitor do que fazer uma análise epistemológica, meu caro Maycon. Inclusive, nunca escrevi sobre História e ficção ou mesmo História & ficção ou Romance e História, por esse tipo de perspectiva pouco me interessar. Não que os julgue descabidos; pelo contrário, acredito que possamos receber importantes insights deles. Acredito, contudo, que situar nossas discussões nesses termos me desloca de um conjunto de problemas que me interessa prioritariamente. Ele se situa de modo mais circunscrito à questão da narrativa. Não pretendia, contudo, enfatizar a questão da evidência, de modo analítico, mas lidar com a crítica literária contemporânea, de modo a trazer alguns insights para o campo dos estudos históricos.

Mas nada que se pretende completamente renovador desses estudos.

Nada que suponha que o campo da história serve para pouco.

Nada que nos diga que não vale a pena continuar.

Vale sim, como vocês mostram a todos.

Um abraço e continuamos a conversa por meio dessas cartas.

Os organizadores do dossiê História e Linguagens agradecem as contribuições dos autores de artigos e entrevistas, bem como aos pareceristas e à equipe editorial da Revista de Teoria da História. Desejamos uma boa leitura, e esperamos que a circulação destes textos contribua para futuras pesquisas no que compete às relações, sempre instigantes, entre História e Ficção.

Doutorando Edson Silva de Lima (UNIRIO)

Doutorando Evander Ruthieri (UFPR)

Doutorando Maycon da Silva Tannis (PUC-RIO)

Doutoranda Ana Carolina de Azevedo Guedes (PUC-RIO)

Membros do grupo *História e Linguagens*